

Christophe Dickès

O VATICANO

VERDADES E LENDAS

NÃO-FICÇÃO · HISTÓRIA

Para Marion, Vianney, Tristan e Timothée.

Índice

AGRADECIMENTOS	11
PREFÁCIO	13
1. Um cardeal que entra no conclave como papa sai como cardeal?	17
2. O papa é escolhido pelo Espírito Santo?	23
3. A infalibilidade papal confere ao papa todo o poder?	29
4. Estará o Vaticano a esconder segredos nos seus arquivos?	35
5. O que é que o papa pode fazer com os seus dias?	41
6. O poder da Santa Sé na cena internacional é meramente simbólico?	47
7. O Vaticano é rico?	53
8. O Vaticano é misógino?	61
9. A reforma da Cúria é impossível?	67
10. A Cúria é um ninho de víboras?	73
11. O papa tem inimigos no Vaticano?	79
12. O acordo entre Pio XI e Mussolini era necessário?	87
13. Podemos condenar os silêncios de Pio XII perante o Holocausto?	95
14. Do comunismo ao islamismo, será que a Santa Sé é ingénua quando se trata de totalitarismo?	103
15. O papa João XXIII revolucionou a Igreja?	115
16. João Paulo I foi assassinado?	123
17. O Vaticano terá tido ligações com as máfias?	129

18. O Vaticano protegeu os pedófilos?	139
19. Terá o KGB ordenado o assassinio de João Paulo II? . .	147
20. Foi João Paulo II que provocou a queda do comunismo? .	153
21. Terá Bento XVI desistido por pressões externas?	161
22. Poderá o papa esquecer as suas origens?	167
23. Poderá o papa romper com os seus antecessores?	175
24. Cronologia dos papas contemporâneos – 1846-2018 . .	183
 BIBLIOGRAFIA SELECCIONADA.	 185

Agradecimentos

Este livro nunca teria visto a luz do dia se não fosse Benoît Yvert, que me abordou enquanto almoçávamos no *Marco Polo*, um restaurante italiano no bairro de Odéon, em Paris. Gostaria de lhe agradecer sinceramente a sua confiança.

Ao escrever este livro, Emmanuel Hecht, director da colecção, deu-me conselhos sábios e justos. Encorajou-me, apoiou-me e corrigiu-me regularmente, à medida que entregava fielmente os manuscritos. Muito obrigado a ele e à sua amizade. Virginie Riva aceitou rever o meu trabalho cuidadosamente, com um olhar crítico, mas não menos construtivo. Respondeu pacientemente a cada um dos meus pedidos. Gostaria de lhe agradecer sinceramente a franqueza, a atenção aos pormenores, o seu precioso tempo e também a sua paixão por Roma: *Molte Grazie!*

Gostaria também de mencionar a ajuda de Bénédicte Lutaud, cujos conselhos sobre os capítulos dedicados às mulheres e às finanças do Vaticano foram muito pertinentes. Quanto a Éric Picard e Philippe Maxence, deram-me orientações sobre Pio XII e o totalitarismo. Muito obrigado a eles.

Um livro é o fruto de um esforço colectivo. A este respeito, gostaria de salientar o profissionalismo da equipa de Laetitia Mauvais e Céline Delautre, a ajuda inestimável do revisor Christophe Pichon e o trabalho gráfico de Marie de Lattre.

Por último, gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer a Amandine Dumas, apaixonada pela história, pelo azeite – parte essencial da trilogia mediterrânica – e pelo *podcast Storiavoce*.

Prefácio

Poucas vezes na história uma instituição suscitou tanto fascínio e paixão como o Vaticano e a Santa Sé, mas também muitas fantasias, críticas e até mesmo violência pura e simples. Contrariamente à crença popular, o anticlericalismo e o antipapismo têm raízes profundas que precedem a era moderna.

Em 2008, um colóquio consagrado às visões críticas do Papado sublinhou a «grande diversidade de ódios que o Soberano Pontífice suscitou»¹ nos séculos XIII e XIV. Na Idade Média, o Santo Padre era criticado pela extensão dos poderes que reivindicava. Mais tarde, a moralidade dos papas do Renascimento e os «abusos da corte de Roma» foram objecto de muitos sarcasmos, até à revolta. A questão das indulgências, que permitiam a todos os cristãos comprar uma parte da sua salvação eterna, contribuindo para as colossais necessidades financeiras do Papado, esteve, como sabemos, no centro da revolta luterana. Em segundo lugar, os estados modernos designaram o Papado como seu adversário. O objectivo era desqualificá-lo politicamente: «É o papa, não é um príncipe», dizia Catarina de Médicis, com desdém, ao seu filho e rei de França, Henrique III, num contexto de conflito diplomático com Roma. Segundo o historiador Alain Tallon, «o Papado moderno viu o seu projecto político confrontar-se com uma oposição que já não era tanto uma oposição militar, como no tempo dos papas do Renascimento, mas um verdadeiro esforço para o desacreditar».

¹ Philippe Levillain (org.), «Rome, l'unique objet de mon ressentiment», Roma, Collection de l'École française de Rome, n.º 453, 2011. Para mais referências, consulte a bibliografia no final do livro.

E o que dizer da Revolução Francesa, que procurou destruir a Santa Sé, travando uma guerra contra ela de 1796 a 1799? A 20 de Fevereiro de 1798, Pio VI foi expulso do seu palácio romano do Quirinal e levado *manu militari* para Florença, onde permaneceu preso durante 14 meses. A 10 de Abril de 1799, o Directório ordenou que Pio VI fosse levado para França sob escolta, «uma decisão verdadeiramente criminoso, tendo em conta a idade e o estado de saúde do pontífice, enfraquecido e com 81 anos», sublinha o historiador Philippe Boutry. Após uma viagem dolorosa e difícil através dos Alpes, o velho Papa entregou a sua alma a Deus em 29 de Agosto de 1799, na cidadela de Valence. Uma década mais tarde, o seu sucessor, Pio VII, foi também mantido incomunicável durante quase três anos na cidade de Savona, na Ligúria, no Noroeste de Itália. Nem mesmo a loucura combinada de Hitler e Mussolini ousou apoderar-se de Pio XII, que tinha previsto esta eventualidade ao pedir aos cardeais que elessem um novo papa se ele próprio fosse «impedido» de exercer o cargo pontifício.

No século xx, o descrédito político e as tentativas de desestabilização da Santa Sé não cessaram: veja-se, por exemplo, as críticas dirigidas ao papa Bento XV pelos beligerantes da Grande Guerra (1914-1922) e as repetidas investidas do sistema soviético contra o Papado, que culminaram com a tentativa de assassinato de João Paulo II na Praça de São Pedro, no final da tarde de 13 de Maio de 1981.

No início do século xxi, as críticas aos papas são, na maior parte das vezes, assunto para os meios de comunicação social, mesmo se, por vezes, há crises diplomáticas nos corredores das conferências internacionais em que participam diplomatas do Vaticano ou entre a Santa Sé e os governos. Estas crises são mais ou menos abafadas, mas são bastante raras porque as intervenções do papa junto das comunidades humanas, como escreveu João XXIII na sua encíclica *Pacem in Terris* [*Paz na Terra*, 1963], são de carácter moral. Para o historiador e jurista Jean Gaudemet², trata-se de um «paradoxo num mundo dominado pela força e obcecado pelos constrangimentos da

² Jean Gaudemet, «Le Vatican. Pouvoir politique et autorité religieuse», *Pouvoirs*, 17, 1981.

1

Um cardeal que entra no conclave como papa sai como cardeal?

«Tudo o que fazemos é sussurrar-lhe ao ouvido o que disse o rato do conclave, cujo dedo mindinho é, na maior parte das vezes, mentiroso.»

CHARLES DE BROSSES, 1740

Inventor do relato de viagem erudito, Charles de Brosses (1709-1777) estava em Roma durante o conclave que procurava um sucessor para o florentino Clemente XII (1730-1740), o primeiro papa a condenar a Maçonaria. Nas suas *Lettres familières d'Italie* [*Cartas de Família de Itália*], o magistrado e historiador francês conta que assistiu à missa do Espírito Santo, antes de os cardeais serem fechados à chave (daí a palavra conclave: *cum clave*, com a chave). Surpreendentemente, após a celebração, de Brosses participa na procissão dos prelados na Basílica de São Pedro: enquanto critica a desordem da cerimónia, toma a liberdade de conversar com um cardeal durante todo o tempo... Depois, ao longo de várias páginas, o autor especula sobre o próximo eleito. Parece que havia uma dezena de *papabili*, a palavra italiana que designa os cardeais susceptíveis de ocupar a sede petrina. De Brosses escreveu: «Neste momento, o que mais nos interessa é saber quem será o papa. Foram nomeados uma dúzia de nomes; pode apostar num deles, e pode apostar ainda mais que não será nenhum deles, segundo o provérbio que diz que quem entra no conclave como papa sai como cardeal.» No entanto, no seu relato, o autor refere-se às «facções» e aos «fazedores de papas», ou seja, aqueles que influenciam a eleição através da sua experiência e responsabilidades na hierarquia. No final,

Prospero Lambertini, de Bolonha, foi eleito com o nome de Bento XIV. É um nome que não figurava nas previsões de Charles de Brosses, convencido de que um certo Porzia seria eleito em breve... No entanto, o francês tinha conhecido Lambertini, que tinha em grande estima. Descreveu-o como «zombeteiro e licenciado nos seus discursos, exemplar e virtuoso nas suas acções», longe da «arrogância altiva que alguns cardeais julgavam necessária para a sua dignidade».

O provérbio romano «Quem entra no conclave como papa sai como cardeal» refere-se sobretudo à confusão dos ambiciosos, à incompreensão dos homens que se julgam acima dos seus pares e que descem à terra com a mesma força com que tentaram voar mais alto. Na história da Igreja, muitos desses ambiciosos beneficiaram do apoio dos príncipes temporais, ou seja, das coroas católicas (França, Espanha, Áustria). De facto, estas últimas intervinham no conclave ao ponto de rejeitarem determinado cardeal cujo nome surgia à medida que a votação avançava. Trata-se de uma forma de veto, também conhecida como direito de exclusividade. Este poder era aceite na época moderna, na medida em que os estados deviam manter um equilíbrio entre potências cujos reis se consideravam escolhidos por Deus. No entanto, com o desenvolvimento da secularização, esta prática tornou-se mais rara no século XIX e desapareceu completamente no século XX, na sequência da Constituição *Commissum nobis* promulgada sob o pontificado de Pio X (1903-1914). A eleição do cardeal Sarto, em 1903, foi perturbada pelo arcebispo de Cracóvia que, em nome da Coroa Imperial da Áustria-Hungria³, reivindicou um direito exclusivo contra o cardeal Rampolla. Esta acção suscitou a indignação dos cardeais, de tal modo que, uma vez eleito, o papa Pio X consagrou definitivamente a liberdade do Colégio Cardinalício e o segredo absoluto do escrutínio. Alguns anos mais tarde, tendo em conta as realidades do seu tempo, João XXIII (1958-1963) alargou a supressão da exclusividade a todos os poderes civis e laicos, «seja qual for o grau e a ordem». Esta proibição diz respeito, portanto, tanto ao poder político como a qualquer *lobby* ou poder mediático. Actualmente,

³ Nessa altura, a Polónia estava sob um triplo domínio: prussiano, russo e austríaco.

a melhor maneira de um cardeal ambicioso evitar ser eleito é fazer a sua própria campanha. Salvo raras excepções (Paulo VI, Bento XVI, Francisco), a eleição tem lugar no conclave e cada cardeal deve ter total liberdade para fazer a sua própria escolha. A Constituição *Universi Dominici Gregis* (1996), redigida sob o pontificado de João Paulo II, define as regras do conclave e estipula «que os cardeais eleitores se abstenham de qualquer pacto, acordo, promessa ou outro compromisso de qualquer género, que os possa obrigar a dar ou a recusar o seu voto a um ou mais candidatos. Se isto acontecer de facto, mesmo sob juramento, decreto que tal compromisso é nulo e que ninguém é obrigado a cumpri-lo; e, a partir de agora, condeno com excomunhão *latae sententiae* aqueles que transgredirem esta proibição. Não pretendo, porém, proibir a troca de ideias com vista à eleição, durante a vacância da Sé» (§ 81). E no parágrafo seguinte: «Do mesmo modo, proíbo os cardeais de estabelecerem acordos antes da eleição, ou de assumirem, de comum acordo, compromissos que seriam obrigados a respeitar no caso de um deles aceder ao Pontificado.» Assim, a eleição de um papa, que é um acto litúrgico destinado a renovar o governo da Igreja fundada por Cristo, não é de modo algum comparável às eleições das nossas democracias modernas.

No entanto, menos de trezentos anos depois das considerações de Charles de Brosses, os vaticanistas continuam a especular sobre a sucessão apostólica. Com diferentes graus de sucesso, perspicácia e acuidade. Por exemplo, para os melhores, a hipótese do cardeal Bergoglio, futuro papa Francisco, não surpreendeu. Na revista *Golias*, Giancarlo Zizola menciona-o logo em 2003. Em 2005, o cardeal argentino ganhou vários votos contra Ratzinger e foi finalmente eleito... dez anos depois. Antes de Zizola, o decano dos jornalistas acreditados junto do Vaticano, Arcangelo Paglialunga, dizia em 2001: «Se o papa é eleito pelo Espírito Santo, então só pode ser o cardeal Ratzinger.» No entanto, em 2005, muitos comentadores consideravam que Ratzinger não poderia ocupar a cadeira de Pedro. É certo que era considerado um grande eleitor, ou seja, uma figura influente no Colégio Cardinalício, mas não *papabile*. No entanto, há muitos indícios de que se tornou papa no conclave. De facto, Ratzinger não